CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
Praça Cons. Rodrigues Alves,48 - 2º andar - Tel.(0125)22-3674
ANO DE 1986

O RANCHO DE PEDREIRA

Sem dúvida alguma, o extinto rancho de tropas situado na rua Coronel Tamarindo, no Bairro da Pedreira, foi o celeiro regional do Vale do Paraíba. Toda produção agrícola oriunda de Cunha, Lagoinha, São Luiz do Paraitinga, Paraty e até mesmo do próprio município, lá dos bairros da Rocinha, do Retiro, do Rio do Peixe, do Paiol, das Três Barras, da Cachoeirinha, dos Martins, vinha para o rancho. Chegavam tropas de todas as bandas carregadas dos mais variados mantimentos: feijão, milho, cebola, alho, batatinha e também animais: frangos, perus, leitoas, capados,



carneiros, cabritos. Também leite, queijo, requeijão, ovos, toucinho salgado e, lá de Paraty, ovos de tainha, camarão seco, peixe salgado e a famosa pinga azulada. Na sua época, também frutas saborosas: marmelo, pêssego, ameixa, pera e pinhão.

Toda essa fartura era conduzida nos lombos das bestas e burros que formavam a tropa. Para os tropeiros um lote de muares era composto de sete cargueiros com um condutor. Havia lotes ricos com animais bem ajaezados e até lotes com dez bestas "pelo de rato", apresentando peças de prata, peitoral sonoro, arrocho adornado com fitas coloridas, retrancas trabalhadas, arreios de luxo com cabeçotes feitos sob encomenda, de metal branco. Anexas aos arreios, capas gaúchas à prova das intempéries. Chegados ao rancho, os tropeiros retiravam o fardo pesado dos animais: bruacas, jacás, balaios, bandas de capado.

Que alívio após longa e penosa caminhada! Depois da raspagem dos lombos suados e pisados, um punhado de milho para desaguar e o descanso no potreiro. O bebedouro à espera, para mitigar a sede. Após uma pausa, os animais eram levados aos pastos das chácaras próximas. Concluidas essas tarefas os tropeiros preparavam as refeições. Acendiam o fogo, armavam a trempe na qual penduravam o caldeirão de feijão misturado com couro de porco e entre pedras arranjavam a chaleira para ferver a água. Em pouco tempo estava pronta aquela comida gostosa rescendendo à gordura, fritura de ovos, toucinho e carne. O rancho era o ponto de encontro, de concentração dos tropeiros que a gente chamava de um modo geral, de "cunheiros". O movimento era grande. Um formigamento. Compradores, vendedores, curiosos, ambulantes, mulheres, crianças, estavam pre

sentes como que numa reunião informal. Carroças abarrotadas de sacas, carrinhos de mão, carregadores possantes, que levavam bruacas sobre a cabeça ou aos ombros, jacás de frangos cantarolantes. Compareciam os compradores, cada um fazendo sua oferta ao melhor preço. Os tropeiros vendiam suas mercadorias e em seguida faziam as compras necessárias: açucar, sal, querosene, roupas, quitandas, ferramentas agrícolas, artigos de selaria. Tudo era comprado nos armazéns da Pedreira. Depois havia omomento do descanço pessoal. A hora da prosa amiga, dos comentários, dos comes e bebes, das conversações, das cantorias, dos ponteados nas violas. Três violas estavam à disposição. Uma do seleiro Zé Garcia, uma do seleiro Agostinho e uma do dono do rancho, Antoninho do Retiro que era meu pai. Violas caipiras com dez cordas. Além das violas, uma sanfona de oito baixos, um pandeiro, uma caixa e um machete (cavaquinho).

Os tropeiros cantavam canções bucólicas, além de desafios provocados por alguns repentistas ou versos prê elaborados. Ainda me lembro de alguma coisa a respeito:

"Ai, como é triste a gente ver, aqui na roça anoitecer";

"Eu nasci naquela serra, num ranchinho à beira chão, todo cheio de buraco, onde a lua faz clarão"...;

"Seu Jorginho do sertão, um rapaz bem diligente, numa sala de pagode enjeitou três casamentos"...;

"Eu sou aquele boizinho que nasceu no mês de maio, pensando na minha vida, prá passa tanto trabaio"...;

Além dessas cantigas, havia o desafio:

"O mês que eu nasci, foi o mês de fevereiro, você prá cantar comigo, precisa nascer primeiro"...;
E vinha a resposta do cantador desafinado:
"Você prá cantá comigo, também precisa pensá.
Tenho versos na cabeça como letras no jorná"...

Assim transcorria o momento do descanso pessoal, numa confraternização entre aquela gente humilde, analfabeta, mas sincera, trabalhadora. De vez em quando, meu pai pegava na sanfoninha e entrava no pagode. Puxava o fole prá valer.

O rancho era animado em todos os sentidos: pelo movimento característico dos tropeiros, dos compradores, dos vendedores, pela cantoria, pelas briguinhas que de vez em quando surgiam entre os compradores. O movimento de tropas aumentava de quarta à sexta. Sexta à tardinha começava o retorno que continuava sábado de madrugada e ia o dia inteiro. Domingo o rancho ficava vazio, mas dava lugar a outro movimento. Quando não havia futebol no campo do Pedreira Futebol Clube, o rancho transformava-se num "stadium" para vários jogos, inclusive alguns de azar, como vinte e um, truco, careta. Mas o que nos chamava a atenção era o de Malha. Dessa modalidade desportiva participavam alguns atletas de renome, como o Zé Dinita, Dito Claudino, Zé de Areias, Chipa, Pafúncio, Gustão Carroceiro, Vito Liboni, Péo e outros. No potreiro ou nos galpões do rancho os jogadores disputavam as partidas que a gente assistia de longe porque eram perigosas. As malhas eram feitas de aço. Uma partida compreendia quatro homens dois a dois em extremidade oposta. Em cada extremidade era colocado um pedaço de madeira chamado piquete ou vinte, quando sua queda valia vinte pontos. Quem mais aproximasse as malhas de

le, fazia mais pontos. Eram seis malhas, sendo três para cada um dos adversários que alternadamente arremessava seu mini disco voador no intuito de derrubar o piquete ou fazer o ponto por aproximação. Iniciada a partida, o que fora sorteado para sair primeiro, preparava-se para o lance: cuspia nas mãos, esfregava uma à outra depois pegava uma das malhas, segurava-a firme entre os dedos polegar, indicador e médio, meneava o braço num movimento para a frente e para trás, mirava o alvo, fazia carranca, respirava fundo e num gesto rápido zunia com força o projétil para atingir o alvo. O lance variava. Quando se pretendia alcançar diretamente o objetivo, a malha saía descrevendo uma ogiva e o atingia. Quando o alvo deveria ser atingido por tabela, a malha saía rasteira para pranchear no solo e, deslizando, tirar outra do ponto ou então derrubar o piquete e garantir vinte pontos. A gente aplaudia e invejava os jogadores. Cada um tinha um estilo de lance. Findas as disputas, todos iam comemorá-las numa confraternização sincera, tomando pinga com cerveja e muçum. Nós, moleques, imitávamos os jogadores. Pegávamos ferraduras usadas, toquinhos de lenha e íamos lá no potreiro fazer nossas disputas, imitando em todos os gestos, em todos os tiques, em todos os cacoetes, os jogadores por nós considerados e respeitados. Por outro lado, os jogos de azar também eram praticados e entre eles o truco, um jogo de baralho que provocava muito barulho entre os disputantes. O vinte e um era muito praticado também. Uma rodinha formada por três a cinco pessoas. A turma acocorada ao redor de um tijolo sobre o qual estava um baralho virado. Quem jogava de mão dava as cartas e gozava do privilégio de comprar primeiramente as cartas, arriscando "a priori" fa-

zer os vinte e um pontos. Se a carta da sorte ultrapassava os vinte e um pontos, não podia comprá-la, entrava a vez do segundo e passa para o terceiro, até o último. Quando ninguém fechava, quem fazia o maior número de pontos ganhava a partida e catava o dinheiro da aposta. Era um jogo sincero e fácil de praticar. Além do vinte e um, havia o careta, um jogo feito exclusivamente com dinheiro. Constituia este, no lançamento de moedas contra a parede sobre a calçáda ou mesmo no chão, com um traço à guisa de barreira. Jogavam três, quatro ou cinco moedas por vez, que pela ordem de proximidade da parede ou do traço, ia fazendo a colocação para a jogada. As moedas eram empilhadas na mão do primeiro colocado com a careta voltada para baixo. Num rápido impulso eram atiradas para cima e quando caiam, algumas "viravam a careta". Essa pertenciam ao primeiro jogador. Depois era a vez do segundo colocado que repetia o mesmo gesto. Às vezes não sobrava um níquel para o último. Assim, aos domingos o rancho passava a ser cassino.

Lembremos agora, dos seleiros e trançadores que trabalhavam no rancho ou nele vendiam seus artefatos de couro. Dois seleiros tinham oficina no próprio rancho. O Sr. José Garcia e o Sr. Benedito Augusto Monteiro, o "Gustinho". Eram eximios oficiais e faziam de tudo. Todos os petrechos exigidos para ajaezarem os animais: loros, arreios, cabrestos, rédeas, retranca, peitoral, cilha, rabicho e congêneres. Ao lado dos seleiros, havia os trançadores que só trabalhavam com couro cru e confeccionavam chicote, buçal, bruaca, peitoral e outras peças destinadas às tropas e para completar a assistência que a tropa requeria, havia uma tenda de ferreiro que fabricava ferraduras sob medida. O Sr. Zé Sabiá, chefe da tenda , com uma varinha media o casco do

animal. Feita a medida, picotada a varinha no lugar certo, a forja entrava em ação. Avermelhada a barra de ferro cortada no tamanho certo, o malho e a bigorna amoldavam aquele sapato de ferro e um som metálico e estridente fazia-se ouvir. Feitas as ferraduras, caldeadas na areia e temperadas na água, estavam prontas para calçarem os animais. Os cascos dos muares eram desbastados e alisados com puxavantes. Alguns burros rejeitavam a colocação da ferradura pregada a cravos com fortes marteladas. Então era necessário colocar-lhe o cachimbo, um pau atrelado com uma tira de couro cru, que lhes apertava o focinho. Deveria doer muito, pois o bicho ficava quieto e aceitava a implantação em seu casco, daquele pedaço de ferro protetor contra a aspereza das pedras e antiderrapante no barro. Era assim o Rancho da Pedreira, do qual hoje não existe o menor vestígio, mas que deixou a maior saudade.

Roque de Castro



Notas do Museu Frei Galvão -

Como forma de divulgação da memória de Guaratinguetá, o Museu "Frei Galvão" vem publicando monografias de autores diversos. Já foram publicados, entre os anos de 1978 e 1986, 70 títulos, dentro da série "Conheça e valorize sua terra e sua gente", "História e Folclore". Essas monografias são distribuídas gratuitamente a estudantes, pesquisadores, bibliotecas, entidades culturais, etc.

Dentre os assuntos publicados destacam-se os seguintes: Localização geográfica do município, significado do nome Guaratinguetá, ruas em 1851, o bairro e a igreja de Santa Rita, centenário da chegada do trem, instrução, os primitivos habitantes, a questão Monsanto-Vimiero, o povoamento das terras e sertões e os primeiros povoadores, a matriz de Santo Antonio, a ponte metálica, Monsenhor Filippo, o café, viajantes e pintores europeus nos séculos passados, a família França na fundação dos cursos jurídicos, o Visconde de Guaratinguetá, a importância do patrimônio ambiental urbano, o prefeito Pedro Marcondes Leite no centenário de seu nascimento, D. Pedro, Guaratinguetá e a Independência, a igreja de N.S. do Rosário dos Pretos, Quando Guaratinguetá foi fluminense, Frei Antonio de Sant'Ana Galvão, Prof. Rogério da Silva Lacaz, Lycurgo de Castro Santos, a proclamação da República em Guaratinguetá, a saga do rio Paraíba do Sul, Prof. Jerônimo de Aquino, o Prof. Belmiro e a Escola de Farmácia, festa de São Benedito em Guaratinguetá, patrimônio histórico e arquitetônico de Guaratinguetá, alguns aspectos da revolução constitucionalista em Guaratinguetá, o arquivo da Banda "União Beneficente", a representação simbólica dos quatro evangelistas da Matriz, a Escola Estadual "Conselheiro Rodrigues Alves", Guaratinguetá - Dia do Padroeiro, Dia da Cidade, Dilermando Reis, Francisco de Paula Rodrigues Alves, presépios, carnaval em Guaratinguetá, Guaratinguetá ontem e hoje, Guaratinguetá, Piaguí e os italianos, Italianos em Guaratinguetá, intendentes e prefeitos municipais, cinquenta anos da prova pedestre Nove de Julho, lembrança d'Apparecida - algumas notas sobre as primeiras estampas da imagem, a Escola Estadual Embaixador Rodrigues Alves, a Cavalaria de S.Benedito, a presença do negro na cultura guaratinguetaense, monumentos de Guaratinguetá, etc. Na série sobre o folclore, destacam-se os seguintes temas: folclore de Guaratinguetá, afogado & canjiquinha, brinquedos & brincadeiras, a umbanda em Guaratinguetá, ecologia e folclore, medicina popular, etc. Foram ainda reeditadas: Rodrigues Alves - Conselheiro no Império e Presidente na República e Frei Antonio de Sant'Ana Galvão.

NOTA: Está em organização o ARQUIVO SONORO, com discos de compositores, gravações de entrevistas, palestras, etc. O Museu "Frei Galvão" pede a colaboração de todos que possuem gravações e discos relativos à nossa terra e nossa gente, para que entrem em contato com o nosso Arquivo Memória de Guaratinguetá pelo telefone: DDD (0125) 22-3674. Visite o Museu e Arquivo Memória de Guaratinguetá. Aberto de 2ª à 6ª, das 9 às 11 e das 13,30 às 17 horas. Pr. Cons. Rodrigues Alves,48 2º andar. Guaratinguetá.